

Eu não sou
Macaco



EU NÃO SOU MACACO

Virginie Lou
Tradução Nilma Lacerda



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original: JE NE SUIS PAS UN SINGE

Copyright © 1999 by Editions Pocket Jeunesse — Paris, France.

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

Cet ouvrage, publié dans le cadre du programme d'aide à la publication, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Etrangères.

Este livro, publicado no âmbito do programa de participação à publicação, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores.

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Bambina, 25 – Botafogo – 22251-050
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2131-1111 – Fax: (21) 2537-2659
<http://www.novafrenteira.com.br>
e-mail: sac@novafrenteira.com.br

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

L918e Lou, Virginie
Eu não sou macaco / Virginie Lou ; tradução Nilma Lacerda.
– Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2005

Tradução de: Je ne suis pas un singe
ISBN 85-209-1715-1

1. Literatura infanto-juvenil. I. Lacerda, Nilma Gonçalves. II. Título.

CDD 028.5
CDU 087.5

Para Hugo
Para Juliette



CAPÍTULO PRIMEIRO

A porta do vestiário se abriu com tal violência que as paredes pré-fabricadas estremeceram. Não vi nada, senti o coração bater. Quando percebi que o gordo Didier tinha entrado no nosso vestiário e que vinha pra cima de mim, o barulho do sangue que passava acelerado nas veias encheu minhas orelhas e abafou os gritos agudos das outras garotas.

O gordo Didier me agarrou pelos cabelos. Senti sua outra mão em cima de mim. Ouvi um elástico que arrebatava, sem compreender o que era. O ar gelou minha barriga. Uma ardência cortou minha coxa. Ele tinha tirado minha calcinha.

Somente depois disso é que o vi: já batia em retirada, em direção à porta. Muito vermelho, grudento de suor, gritava, me apontando com o dedo, como fazemos com os macacos, no zoológico. Meu ventre nu se enrijeceu. Uma corrente de ar gelado se enfiava pela porta, totalmente aberta. O gordo Didier se contorcia de rir. Dezenas de garotos metiam a cabeça na porta: suas bocas, escancaradas, gritavam e riam, como na frente dos macacos enjaulados, quando coçam a bunda. Não sei mais quais garotos olhavam. Não estou certa de tê-los visto bem.

Neste instante, o silêncio se instalava em minha cabeça. Um silêncio sem limites, como as imagens do deserto, mas plano: sem dunas e sem céu, sem areia nem cor.

A porta estava fechada de novo. Élise e as colegas dela, sem jeito, riam em volta de mim. Zoreh era a única que não ria. Passando pelo corredor, os garotos davam murros nas paredes finas, com risadas que pareciam uivos. As paredes tremiam: o ginásio inteiro ia desmoronar.

— Anda, veste de novo essa roupa! — me disse Zoreh, num tom irritado, fazendo um gesto para subir ela mesma minha calcinha. Eu a empurrei com

força. Ela caiu de costas, bateu com a cabeça no banco. Sentada no chão, botou em mim os olhos-de-você-está-errada. Tenho vontade de dar um tapa nela quando me olha dessa maneira.

Subi eu mesma minha calcinha. Vesti a calça e a blusa. O apito da professora de educação física mostrava o grau da exasperação dela: sons superagudos e compridos, lançados com toda a força de seus pulmões. Em geral, tenho medo dela. Deixa os alunos de castigo, depois da hora, por qualquer motivo: se correrem longe demais, na frente — de castigo por uma hora; se ficamos para trás — de castigo por uma hora; se gritamos muito alto — de castigo por uma hora; se ficamos na nossa — de castigo por uma hora. O que ela quer é que se faça tudo igualzinho a ela, sem nos afastarmos: que fiquemos grudados nela. Em geral tenho medo, mas agora estou me lixando. Ela pode continuar apitando até explodir as bochechas. Zoreh-com-os-olhos-de-você-está-errada foi embora na frente sem me esperar. Amarro meus tênis. Dou os laços com todo o cuidado. Faço nós duplos.

Porque eu não sou macaco, vou estrangular um dia o gordo Didier com um cadarço como este.

Ele vai afundar lentamente na gordura daquele pescoço. O deboche vai ficar entalado naquela garganta, e a cara dele vai ficar toda retorcida. Suas pálpebras roxas vão crescer em volta dos olhos parados.

Quando entro no ginásio, a professora vem em cima de mim:

— Mas onde é que ela estava? Vejam só essa preguiçosa que fica morrinhando no vestiário. Ah, você dá de ombros? De castigo! Uma hora, pra começar.

É a primeira vez que fico de castigo. Normalmente, sou uma aluna muito bem-comportada. Tiro boas notas. Obedeço: sou comportada. Hoje, estou me lixando. Dentro da minha cabeça, alguma coisa estalou. Não foi a fúria que tomou o lugar da sensatez, não foi a raiva: foi o silêncio. Um silêncio determinado.

É preciso correr. Corro atrás da turma, que segue como um rebanho grudado na professora. Fora do ginásio faz frio. Um frio tão cortante quanto o cadarço com o qual vou estrangular o gordo Didier. Corro junto com os outros. Fecho os olhos. Não há nada para ver lá fora: as casas da cidade nova, agrupadas segundo o seu *status*, as mais ricas — com a

fachada pintada de cor pastel — dando para o lago artificial que fede a esgoto; as mais pobres, já estragadas, alinhadas ao longo das ruelas com nomes de pássaros. Conheço todas as variedades de casa, todas as sutis diferenças de *status* que meu pai e minha mãe comentam — com inveja ou desprezo —, na hora do jantar, desde que moramos aqui. Corro no meio desse rebanho, em meio às respirações misturadas, aos pigarros, às tosses. Corro com os olhos baixos, para que o silêncio, dentro da minha cabeça, seja um pouco menos pesado. Zoreh me cutuca com o cotovelo.

— Tudo bem? — ela não tem mais o olhar-de-você-está-errada. Os grandes olhos negros, de iraniana, brilham docemente debaixo das sobranceiras franzidas, que mostram a preocupação dela comigo. Não respondo nada. Não sorrio. Olho, somente: ela está muito longe.

Corro de olhos fechados. Não preciso abri-los para ver o gordo Didier na frente da fila, suas costas enormes, o pescoço grosso, a bunda grande, as coxas pesadas, de uma gordura que treme a cada passo que ele dá. Debaixo de minhas pálpebras fechadas, atrás da minha boca fechada, se acumula o

silêncio que vai dar a mim — a mais tímida da turma — a força de matá-lo.

Imagino meu pai e minha mãe no tribunal, a sala com as paredes de madeira escura, os juízes com a toga negra, sem esquecer — como nos filmes — o fundo sonoro dos soluços de minha mãe, sufocados nas mãos dela.

Depois, as respirações e os passos perdem a regularidade. A professora grita para os que estão na frente:

— Mar-char! Inspirar! Expirar! Inspirar! Ex-pirar!

Prendo o ar nos pulmões o maior tempo possível, para expirar rapidamente na hora em que todos os outros inspiram.

Na frente, o gordo Didier dá risinhos. Seu colega Xavier — que pensa que é Rambo e veste calças de militar — se vira para mim. Ele me varre com o olhar, como se me visse ainda completamente nua no vestiário. Depois, dá uma cotovelada em Didier. Juntos, caem na risada.

Não fico vermelha. Antes, teria ficado. Agora não. Não escuto mais nada durante um bom tempo. Depois, Zoreh me cutuca:

— O que é que você tem? Você está doente? Por que não fala?

Não digo nada. Ela está muito longe de mim agora.

No tribunal, os juízes se espantam que uma garota tão frágil como eu (é a palavra que todos usam: frágil. Médicos, professores, vizinhos dizem para minha mãe a meu respeito: “Como ela é frágil!”), que uma garota tão frágil como eu tenha estrangulado dois garotos tão fortes como o gordo Didier e o Xavier, que pensa que é Rambo. Os soluços de minha mãe dobram de intensidade. Ela funga. Não olho para ela: estou certa de que tem o nariz vermelho e as pálpebras tão inchadas que não se vêem mais seus olhos. Vai dizer aos juízes, suspirando:

— E pensar que nós a educamos com amor!
— e os juízes vão baixar a cabeça, as fisionomias abatidas.

— Corram! — grita a professora de educação física. Todo mundo começa de novo trotando, devagar. É para ganhar resistência.